



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS (CCBSA)
COORDENAÇÃO DE ARQUIVOLOGIA**

KETLEN OLIVEIRA ESTEVAM

A INTERMEDIÇÃO ENTRE ARQUIVOLOGIA E SEMÂNTICA

**JOÃO PESSOA
2014**

KETLEN OLIVEIRA ESTEVAM

A INTERMEDIACÃO ENTRE ARQUIVOLOGIA E SEMÂNTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Curso de Bacharelado em Arquivologia, da Universidade Estadual da Paraíba, com requisito para obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos

JOÃO PESSOA
2014

E79i Estevam, Ketlen Oliveira
A intermediação entre arquivologia e semântica [manuscrito] :
/ Ketlen Oliveira Estevam. - 2014.
49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos,
Departamento de Arquivologia".

1. Ciência da informação. 2. Intermediações. 3.
Arquivologia. 4. Semântica. I. Título.

21. ed. CDD 020

KETLEN OLIVEIRA ESTEVAM

A INTERMEDIÇÃO ENTRE ARQUIVOLOGIA E SEMÂNTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Curso de Bacharelado em Arquivologia, da Universidade Estadual da Paraíba, com requisito para obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

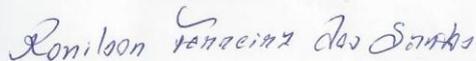
Orientadora: Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos

Aprovada em 03/12/2014.



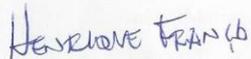
Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos / UEPB

Orientadora



Prof. Dr. Ronilson Ferreira dos Santos/ Faculdade Maurício de Nassau

Examinador



Prof. Me. Henrique França/UEPB

Examinador

*As grandes pessoas incentivadoras para
alcance do meu sucesso profissional e
finalização dessa etapa acadêmica: minha
mãe, Maria Neli; ao meu pai, Severino
Estevam; a minha irmã, Lo-Ruhama
Oliveira; e ao meu novo amor, Davi André,
filho meu; pelo amor, carinho e afeto,
DEDICO.*

“A língua não é função do sujeito falante nem sucessão de palavras correspondentes a outras equivalentes. É um sistema-estrutura de valores e formas. Os sistemas de valores não são construções particulares de um indivíduo; são, antes, o resultado de todo um contexto sócio histórico que determina as condições de produção do discurso” (CINTRA *et. al.* p. 31)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente pela a graça dada ao passar em dois vestibulares: Na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) para estudar Arquivologia e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) estudar Letras, com habilitação em Língua Inglesa, de ter me dado “forças” físicas e espirituais para desenvolvimento e término dos dois cursos, por ter me dado sabedoria para driblar tantas dificuldades encontradas nas minhas idas e voltas a UFPB e a UEPB, e por fim, pela perseverança para conclusão de todas as etapas das minhas duas graduações, inclusive a do término das respectivas monografias de cada curso.

Mesmo sendo meus pais divorciados, não deixarei de registrar o quanto eles foram importantes desde o início, o desenvolvimento e a conclusão dos meus dois cursos universitários. Agradeço a minha mãe, Maria Neli de Oliveira e ao meu pai, Severino Estevam da Silva, pelo amor incondicional e pela paciência comigo. Vocês são os maiores incentivos para finalizar essa minha outra etapa acadêmica, por me incentivar a lutar, lutar, e sempre lutar por melhores dias e melhores qualificações. Por terem feito o possível e o impossível para me oferecerem condições para continuação dos meus dois cursos de graduações. Sem vocês, o sonho não seria possível.

A minha tia Duda por ter sentido também conosco todas as angústias e felicidades, acompanhando cada passo de perto. Sempre esteve presente ajudando e torcendo pela concretização dos meus dois cursos.

A minha única e querida irmã Lo- Ruhama que às vezes me dava umas lições de moral e ao mesmo tempo de incentivo para continuidade das duas Universidades.

Ao meu novo amor, filho meu, Davi André, amor incondicional.

Ao meu esposo André Roberto, por compreender a importância dessa conquista e aceitar a minha ausência quando necessário.

A querida professora Dra. Eliete Correia dos Santos pela confiança em meu trabalho, por ser competente e dedicada nas suas orientações. Por ter me recebido de braços abertos para orientação deste trabalho ousado, diálogo interdisciplinar entre a Arquivologia e a Semântica. Por ter tido paciência quando eu tinha minhas “loucuras” e/ou até mesmo minhas “crises existenciais” do que realmente gostaria de registrar no

TCC para deixar para a UEPB. Por acreditar e dar credibilidade na sistematização deste TCC.

Aos colegas do curso de Arquivologia da UEPB que faziam parte da minha equipe de coração, turmas 2008.1 e 2009.1 pelas ótimas histórias vividas e longos papos no corredor da Universidade, pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica muito mais divertida, em especial, Lidiane Carneiro, pelos momentos de amizade e apoio prestados a minha pessoa.

Ao professor Rodrigo Ávila, nosso querido baiano, por ter me instigado aos estudos interdisciplinares dentro da Ciência da informação. Obrigada por tudo.

A professora Maria José Cordeiro de Lima, nossa querida “Mara”, pela companhia e confiança dada nos dois anos (2010 e 2011) que passei como monitora nas disciplinas de “Gestão de Documentos I e II” e “Gestão de Serviços Arquivísticos”. Por ter me acolhido como mais uma filha e por sempre ser aberta a diálogos. Pelo amor, amizade, e apoio depositados, além da companhia por todos esses anos, melhor convívio, não poderia encontrar.

A todos os professores que fazem parte da grade curricular do curso de Arquivologia da UEPB, em especial, Francinete Fernandes, que sempre me instigava com perguntas pertinentes nas aulas de Análise documentária I e II sobre as possíveis pontes entre a Linguística e a Arquivologia. Por seus exemplos de aulas de análise documentária, Obrigada por tudo!

A todos aqueles que afirmavam que eu não iria chegar até essa última etapa para conclusão desse curso, pelo fato de possuir duas graduações e estudá-las ao mesmo tempo. Fazer duas graduações ao mesmo não quer dizer que um dos cursos será “mal” feito, e sim que são poucas as pessoas que têm o jogo de cintura para dividir o tempo de estudo para os dois cursos, sem menosprezar e nem vangloriar curso “X” ou “Y”.

RESUMO

Este trabalho aborda a temática da Ciência da Informação e suas áreas de interesse, as relações de aproximação ou semelhança nos estudos voltados à linguagem e suas respectivas abordagens linguísticas, assim como da importância do estudo dos aspectos semânticos pertinentes para a formação arquivística no processo de análise documental e recuperação da informação. Tem como objetivo geral estabelecer interconexões entre a Semântica e a Arquivologia para auxiliar na formação arquivística a partir do momento em que partimos do pressuposto de que independentemente da consolidação de linguagem de especialidade no estudo dos citados campos do saber, é possível o auxílio à Arquivologia nos trabalhos de análise, descrição, e indexação de documentos, contribuindo assim nos estudos de representação da informação e aspectos semânticos que serão abordados nessa pesquisa. A pesquisa é de cunho teórico e bibliográfico e de abordagem qualitativa e descritivo-exploratória. Como fundamentação teórica utilizamos os autores Cintra et. al. (2002), Aldrigue (2009), Pires de Oliveira (2004), Ilari (2001), Wersig e Neveling (1975), e entre outros. Uma vez discorrido sobre as vertentes da Semântica e da caracterização dos principais estudos dos significados, argumentamos que a representação temática da informação dependerá da ótica de quem faz a leitura e análise do documento, deve possuir conhecimentos sobre os aspectos semânticos, variações e escolhas lexicais no processo de elaboração de instrumentos de pesquisa no tratamento da linguagem documental, evitando ambiguidade e polissemia nesse processo. A Paleografia e a Diplomática também podem contribuir na análise de vários aspectos de textos manuscritos antigos ou não no que tange à origem, à forma, e à evolução da escrita etc.; e segundo, os aspectos diplomáticos no estudo das espécies e tipologias documentais em relação aos aspectos intrínsecos e extrínsecos do documento de arquivo. O estudo sobre a linguagem deve ser assunto recorrente para esse profissional no trabalho diário da leitura, análise, descrição e indexação de informações; seja capaz de compreender aspectos explícitos e implícitos e, principalmente, os aspectos do mundo extralinguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência da Informação. Intermediações. Arquivologia. Semântica.

ABSTRACT

This research presents Information Science and its areas of common interest, approximation and similarity relations in language studies and its linguistic approaches, and also the importance of semantic aspects studies to archival formation in the documentary analysis process and retrieval information. It aims to establish interconnections between Semantics and Archival to help in archival formation through the moment there is no dependence considered in specialty language consolidation in this cited areas, it is possible to help in document analysis, description, indexation activities. It foments to retrieval information studies and semantic aspects that will be discussed in this research. For this purpose, this theoretical research is based on qualitative, descriptive-exploratory approaches. In relation to theoretical basis, it uses Cintra et. al. (2002), Aldrigue (2009), Pires de Oliveira (2004), Ilari (2001), Wersig e Neveling (1975), and other authors. Dealing with Semantic strands and principal characterization of signification studies, it argues that information thematic representation will depend on people's view of reading, document analysis; it gets to know about semantic aspects, variation and lexical choices in the process of search tools for the purpose to treat documentary language, avoiding ambiguity and polysemy in its process. Related areas as Paleography and Diplomatic can also add to many aspects of old manuscript analysis and diplomatic aspects of document species and typology. It concludes that language study must be recurrent issue to the archivist in the process of reading, analysis, description e indexation of information; that is, be aware to understand explicit and implicit aspects, principally, extra linguistic world aspects.

KEYWORDS: Information Science. Intermediation. Archival. Semantic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A INTERDISCIPLINARIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: NECESSIDADE DE DIÁLOGOS COM OUTROS CAMPOS CIENTÍFICOS.....	13
2.1 ARQUIVOLOGIA E LINGUÍSTICA: IDENTIFICANDO OS CAMPOS DE SABERES.....	16
2.1.1 Arquivologia.....	16
2.1.2 Linguística.....	20
3 SEMÂNTICA NA ARQUIVOLOGIA: INTERMEDIações NECESSÁRIAS.	22
3.1 SEMANTICA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	22
3.2 A SEMÂNTICA E A ARQUIVOLOGIA: ESTABELECENDO ELOS SIGNIFICATIVOS.....	28
3.3 PROBLEMAS DE SEMÂNTICA: A DESCRIÇÃO E A REPRESENTAÇÃO ARQUIVÍSTICA.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Em se tratando de estabelecimento de diálogos convincentes entre os campos científicos, com o surgimento da Revolução Industrial e o advento da tecnologia de informação e comunicação, o homem passou a se especializar na sua área de conhecimento para não perder espaço no mercado de trabalho. Este foi um momento propício para a aprendizagem de linguagens e termos técnicos-científico na garantia de que, uma vez dominando o vocabulário do seu campo de estudo, maior seria sua chance de ingressar em melhores condições de emprego.

Assim, surge a preocupação pelo entendimento da sua própria área de estudo no que tange a compreensão dos seguintes pontos: linguagem natural e de especialidade na construção de linguagens documentárias sólidas, utilização de termos e conceitos com características de univocidade informacional no campo científico, conhecimento aprofundado na área em que o profissional da informação está inserido, no caso deste trabalho, a Arquivologia inserida dentro da Ciência da Informação (CI), como também o estabelecimento de diálogos com outras disciplinas interdisciplinares na C.I., como por exemplo, a Linguística, Comunicação, Teoria da informação, Ciência da computação e etc.

Dessa maneira, a escolha do tema deste trabalho acadêmico foi evidenciada pelo fato de possuir graduação em Letras, habilitação em Língua Inglesa, pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, pelos muitos questionamentos que fazíamos a respeito das possíveis correlações a serem feitas entre áreas de saber: Arquivologia e Linguística.

Esta pesquisa contribuirá para a Arquivologia a partir do momento em que se conhece e identifica as disciplinas interdisciplinares no campo da Ciência da Informação e se estabelece correlações entre as áreas, não como disciplinas revestidas de saberes concluídos e sem nenhuma contribuição a ser dada a outra área, e sim na perspectiva de que o diálogo é imprescindível para que haja troca de experiências e auxilie outros profissionais em trabalhos futuros.

Já para a sociedade, presumimos a importância da interlocução da Arquivologia com outras áreas do campo científico, pois consideramos a troca de informações dentre as áreas circunscritas na CI bastante relevante no que tange ao próprio auxílio à Arquivologia de adquirir caráter científico dentro da Ciência da Informação e se tornar um campo disciplinar autônomo, mas nunca esquecendo as interdisciplinaridades existentes entre elas.

Nosso trabalho é uma pesquisa teórica, bibliográfica, tem como abordagem qualitativa de estudo e os tipos da pesquisa são descritivo/exploratória. Utilizamos a abordagem qualitativa na consecução deste trabalho, trazendo a caracterização de Richardson (2009) sobre esta abordagem como sendo a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais no que o pesquisador administra, nas palavras dele, a “oscilação analítica” entre a observação e a teoria que considera válida.

Quanto ao tipo de pesquisa, este trabalho é caracterizado como pesquisa descritivo-exploratória. De acordo com Lakatos & Marconi (2008), a pesquisa descritiva, como o nome já explicita, tem por objetivo descrever determinados fenômenos seja à luz de análises empíricas e/ou teóricas. Já Rodrigues (2007) afirma que a pesquisa exploratória objetiva reconhecer a natureza do fenômeno, situá-lo no tempo e no espaço e também mostrar os elementos constitutivos do que se está pesquisando. Aplicando isso a nossa realidade, é notória esta pesquisa também bibliográfica trazendo a produção e registro de teóricos sobre o tema em questão: contribuições da Semântica para área da Arquivologia, especificadamente, na análise documentária, na leitura, interpretação e análise de documentos.

Desse modo, o objeto de estudo deste trabalho é estabelecer interconexões entre a Semântica e a Arquivologia para auxiliar na formação arquivística a partir do momento em que partimos do pressuposto de que independentemente da consolidação de linguagem de especialidade no estudo dos citados campos do saber, é possível o auxílio à Arquivologia nos trabalhos de análise, descrição, e indexação de documentos, contribuindo assim nos estudos de representação da informação e aspectos semânticos que serão abordados nessa pesquisa.

2 A INTERDISCIPLINARIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: NECESSIDADE DE DIÁLOGOS COM OUTROS CAMPOS CIENTÍFICOS

É pertinente registrarmos as considerações de Almeida *et. al.* (2007, p. 73) quando eles afirmam que “A Ciência da Informação depende de organismos sociais que defendam e ampliem suas fronteiras teóricas e práticas”, pois se assim não o fosse, não teria sentido o debate e a elaboração das teorias, métodos e técnicas para consolidação de um campo científico.

Quanto às características fundamentais da Ciência da Informação (C.I.) apontadas por Saracevic (1996, p. 47), é de grande valia a identificação e inserção dessa ciência como de natureza interdisciplinar, como podemos ver nas características abaixo:

- Interdisciplinar por natureza;
- Está ligada à tecnologia da informação; e
- Participante ativa da evolução da sociedade da informação.

Consideramos a CI, nas palavras de Freire & Araújo (2001) como um “tear interdisciplinar, onde se pode tecer uma rede com fios conceituais de outros campos científicos para capturar o sentido de uma dada problemática na perspectiva da informação, como proposto por Wersig”. Nas palavras das autoras é a proposta de Wersig acerca da consolidação da CI como uma ciência interdisciplinar que torna este processo um “sistema de navegação conceitual na abordagem de problemas da informação, na sociedade contemporânea”.

Considerando o que Saracevic (1996) retrata sobre a interdisciplinaridade, como ressalta Fonseca (2005) o surgimento da CI foi a partir dos chamados fundadores do pensamento epistemológico da área como, por exemplo: Saracevic, Le Coadic, e Brookes, os quais colaboraram para o que conhecemos hoje como disciplinas interdisciplinares nesse campo científico.

O surgimento das interlocuções da C.I., segundo os autores Wersig e Neveling (1975), ocorre a partir do final da década de 1950 com vários estudiosos que se diziam “cientistas da informação”, participando de reuniões e/ou eventos os quais discutiam os problemas encontrados nos seus respectivos campos científicos, a citar, pelas diferentes

formações dos participantes¹. Nesse momento, discutiam-se problemas relacionados à designação do termo “informação”. A variedade de abordagens levou a uma situação em que cada participante da discussão poderia concordar na eventual existência de algo chamado “Ciência da Informação”, contanto que ela fosse baseada na sua formação específica. De acordo com Saracevic (1996), faziam parte dessa discussão pessoas advindas de Engenharia, Biblioteconomia, Química, Linguística, Filosofia, Psicologia, Matemática, Ciência da Computação, Administração e dentre outras profissões e áreas.

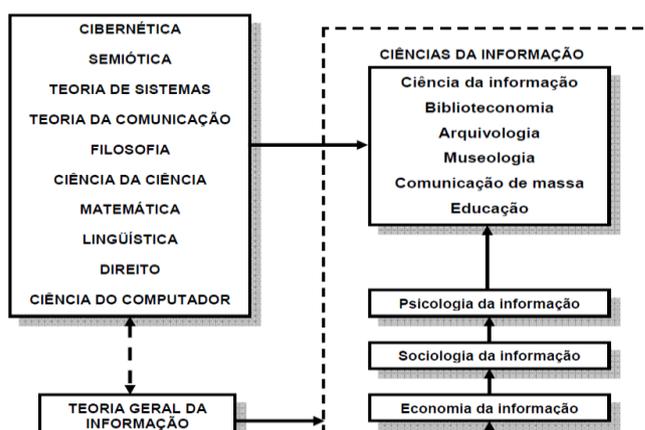
Sendo assim, a interdisciplinaridade foi introduzida na CI na obtenção de se compreender a informação e a comunicação, como também entender as manifestações e o comportamento informativo humano, incluindo também problemas de ajustes tecnológicos. Foi a partir desses conhecimentos que surgiu a necessidade de diálogos interdisciplinares com outros campos científicos, pois os problemas informacionais não poderiam ser resolvidos somente por uma única disciplina.

Deixamos claro que mesmo sabendo da existência de discussões acerca da denominação da CI como ciência inter, trans, multi, e pluridisciplinar, não é objeto deste trabalho levantar discussões acerca desses posicionamentos, e sim defendermos nosso ponto de vista ao que achamos pertinente e viável ao que propomos neste trabalho: estabelecer diálogos entre dois campos científicos - a Semântica e a Arquivologia, esta inserida na inserção nas áreas de interesse, tendo como pano de fundo a Ciência da Informação, como veremos adiante.

Wersig e Neveling (1975) postularam as áreas de interesse na contribuição e desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares na CI, buscando o próprio fortalecimento da área, como vemos abaixo:

¹ Segundo Wersig e Neveling (1975), as dificuldades na discussão dos fenômenos pertencentes a CI, são só foram motivados pelas diferentes formações, como também pela inexistente derivação histórica de todo o campo, isto é, dos estudos dos processos históricos do surgimento da CI que poderiam proporcionar uma visão geral acerca do que discutiam; e pelas diferenças terminológicas no uso do termo “informação”, devido as diferentes abordagens e falta de critério para designação do citado termo.

Figura 1- O sistema das “Ciências da Informação”



Fonte: Wersing & Neveling (1975)

Como podemos ver na figura acima, a CI pode dialogar com vários campos científicos, desde que as conexões de ideias sejam estabelecidas de modo que se alcancem os objetivos da pesquisa e que realmente os trabalhos formulem ideias coerentes na troca de informações entre essas áreas.

Percebemos uma classificação na identificação das próprias áreas de interesse, da esquerda para a direita, temos várias disciplinas que estão mais relacionadas à Teoria Geral da Informação, no qual identificamos a Linguística; e a direita, o grupo das Ciências da Informação, estas também relacionadas ao objeto de estudo da CI- a informação, onde vemos a inserção da Arquivologia.

Não cabe neste trabalho levantar discussões a respeito da designação dos campos identificados na figura, seja disciplinas e/ou campos científicos ou até mesmo se ciência ou não, mas defendemos a ideia de que para a consolidação de determinada área como ciência, é preciso o estabelecimento e consolidação dos termos técnicos- científicos da área, assim como da linguagem de especialidade e da designação do objeto de estudo, pois concordamos com Hjørland (2000, p. 29) “A Science must be defined by its object, not by its tools”², na qual a definição do “objeto” perpassa todas as etapas de identificação, escolha, caracterização de teorias, métodos e técnicas de estudo e consolidação de um campo científico.

A questão da interdisciplinaridade na CI, nas palavras de Freire (2006, p. 12), tem levado a:

² “Uma ciência deve ser definida por seu objeto de estudo e não pelas ferramentas que possui” (tradução nossa)

Estudos epistemológicos que buscam mapear as relações entre a Ciência da Informação e outras áreas científicas. Estas relações são dinâmicas e podem ser mais fortes em um determinado tempo e espaço com algumas áreas científicas, enquanto com muitas outras serão fracas ou ainda irão surgir pontos de interseção.

Percebemos a disciplinaridade como sendo a identificação de cada campo científico trazendo a unicidade, as características próprias e a compreensão do que é desenvolvido em cada área, como por exemplo, da identificação do seu objeto de estudo, seus métodos e técnicas. Neste trabalho, pensando que a CI abrange várias áreas consideramos a Arquivologia e a Linguística áreas disciplinares, pois cada área possui sua especialidade de estudo e quando estabelecidos diálogos, passam a ser identificadas como áreas interdisciplinares.

Diante das circunstâncias deste trabalho, abordaremos os campos de interesse da “Arquivologia” e a “Linguística” que serão descritos nos próximos subitens. Cada campo científico será descrito como área disciplinar, que ao dialogar, no caso deste TCC, passariam a estabelecer posturas interdisciplinares de estudo. Passemos primeiramente a caracterização da Arquivologia, seu contexto histórico, suas perspectivas e funções arquivísticas desenvolvidas pelos arquivistas, assim como das perspectivas de estudos.

2.1 ARQUIVOLOGIA E LINGUÍSTICA: IDENTIFICANDO OS CAMPOS DE SABERES

Nessa subseção, apresentamos considerações sobre a Arquivologia, suas respectivas funções e perspectivas de estudo, assim como as competências procuradas no mercado de trabalho arquivístico e os desafios crescentes encontrados na profissão. Logo após, tecemos considerações sobre a Linguística, seu objeto de estudo, assim como as abordagens linguísticas.

2.1.1 Arquivologia

A caracterização da Arquivologia como ciência, técnica ou até mesmo como disciplina, ainda é uma questão de grandes discussões a respeito da não existência de um consenso terminológico, base consolidada, primeiro passo para mostrar o caráter de

cientificidade de determinado campo, haja vista que “uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação” (BENVENISTE, 1989 *apud* KRIEGER, 2000).

Atentamos também na consideração dos seguintes termos como equivalentes: “Arquivologia” e “Arquivística” mesmo que “nem todos os termos e acepções incluídos [apresentassem] correspondência em outros idiomas, uma vez que o critério adotado foi o de não proceder à equivalência de termos quando estes não estivessem presentes nos [Dicionários de terminologia arquivística] ou quando o conceito neles formulado fosse *totalmente diferente daquele usado no Brasil*” (BRASIL, 2004, p. 3, grifo nosso).

A “Arquivologia” é designada no Dicionário brasileiro de terminologia arquivística (2004) como “Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos”, já o termo “Arquivística” não é conceituado, apenas é identificado como remissiva: “Arquivística ver Arquivologia”. Isto é evidenciado pela falta de consenso e consolidação terminológica de alguns países da Europa chamarem “Arquivística” e já no Brasil, o mais utilizado é “Arquivologia”. Segundo Ribeiro (2005, p. 8), as Ciências Sociais “encara a Arquivística, não como uma técnica com especificidades próprias, mas sim como uma disciplina aplicada da área da Ciência da Informação”.

No que tange ao contexto histórico da Arquivologia, Fonseca (2005) aponta a publicação do manual dos arquivistas holandeses S. Muller, J. A. Feith e R. Fruin em 1898 como marco ao que se considera “disciplina arquivística” como um campo autônomo de conhecimento e nas características de configuração da área, a saber:

a) à inserção da Arquivologia na *episteme* da modernidade, especialmente na chamada “esfera política”; b) à conseqüente importância das instituições arquivísticas para lidar com os problemas de uma administração pública que deve ser eficiente; c) à subordinação da disciplina em relação ao seu objeto, ou seja, se a ideia de arquivo estiver clara, às suas limitações e às tentativas de generalizar o particular, favorecendo o império da norma. (FONSECA 2005, p. 33).

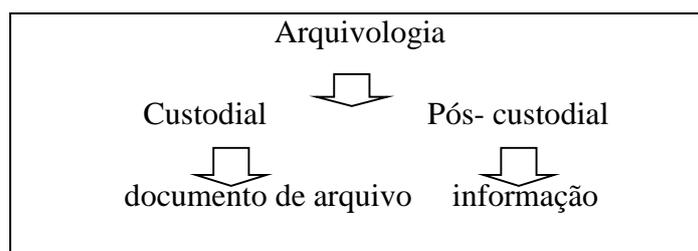
Antes mesmo da publicação do manual dos holandeses, tivemos outro marco histórico, a citar: a Revolução Francesa, ocorrida em 1789, na França, no qual propunham a separação dos documentos por “fundos” no Arquivo Nacional da França,

haja vista que a documentação advinda de vários locais se encontrava em um conjunto único de massa documental, isto é, um “caos”. Foi a partir disso que se iniciou o desenvolvimento do modelo histórico-tecnicista e a valorização da informação registrada em documentos textuais, perspectiva custodial, com o objeto de estudo sendo o “documento de arquivo”.

Em contraponto, de acordo com Ribeiro (2002) temos o surgimento da Segunda Guerra Mundial, propiciando o aparecimento de novos suportes de informação e meios de comunicação, fazendo-nos pensar agora sobre os aspectos da avaliação, seleção e eliminação de documentos. Ainda nas palavras da autora, a década de 50 foi um marco importante para a consolidação da identidade da disciplina, embora o Conselho Internacional de Arquivos – CIA tenha pautado em reuniões de “aproximação dos arquivistas em torno de questões técnicas, do que pelo desenvolvimento de um espírito de investigação e de aprofundamento da teoria, essenciais como suporte da técnica que se procurava apurar” (RIBEIRO, 2002, p. 99). Logo, vemos o quanto isto muda com o advento das tecnologias da informação e comunicação na década de 80, na qual as questões emergentes estão relacionadas aos “documentos eletrônicos”, pois se notou fragilidade e inadequação da “teoria” a realidade agora encontrada. Surge um novo paradigma: o paradigma pós- custodial.

De acordo com Fonseca (2005) o objeto da Arquivologia pós- custodial desloca-se do “arquivo” para a informação arquivística ou “informação registrada orgânica”, esta expressão cunhada pelos canadenses para designar a informação gerada pelos processos administrativos e também de forma a recuperar seu contexto organizacional, de produção, e relacionada à tecnologia. Nas palavras de Ribeiro (2002) é válida pelos dois componentes que surgem no novo paradigma: a questão da ciência e a questão da informação, sendo considerada pela a autora como objeto dessa ciência.

Figura 2- Identificação das perspectivas da Arquivologia



Fonte: Produção nossa.

Dependendo da perspectiva tomada no próprio objeto de estudo em arquivos, o arquivista poderá se deparar com vários pontos de vistas acerca de qual seria o objeto de estudo da Arquivologia, custodial/ pós-custodial. Quanto à perspectiva da Arquivologia custodial, temos o objeto de estudo identificado como o “documento de arquivo”; já à luz da Arquivologia pós-custodial, a “informação”, como representada na figura 2 anteriormente.

Portanto, socializamos da mesma informação quanto ao pensamento de Ribeiro (2002, p. 105) quando menciona a seguinte assertiva: “Não há ciência sem objeto de estudo e este carece de uma definição precisa para constituir um conceito operatório válido”. A busca da “autonomia” pelos profissionais da informação, os arquivistas em especial, passa a ser quase como uma obrigação no intuito de se questionarem e problematizarem a respeito não somente pelo mérito ou não da Arquivologia entrar nos parâmetros de uma ciência, mas também de indagação sobre a natureza de sua profissão e das atividades que exercem em seus respectivos campos de trabalho.

Uma vez identificado às perspectivas de estudo da Arquivologia custodial e pós-custodial e seus respectivos objetos de estudo, a seguir trataremos acerca das funções arquivísticas desenvolvidas pelos arquivistas, assim como seus principais desafios nos dias atuais e quanto às demandas no mercado de trabalho.

De acordo com Rousseau e Couture (1998), são 7 (sete) as funções arquivísticas: de produção, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão dos documentos arquivísticos. Primeiramente, as atividades de arquivo vão desde a inspeção, criação e/ou recebimento do documento na instituição. Logo após, a classificação e levantamento dos prazos de guarda e destinação final, são assuntos a serem tratados pelo arquivista. Além disso, a preservação e conservação são outros pontos pertinentes, pois através desse diagnóstico realizado podemos identificar quais documentos de arquivo possuem boas condições físicas para manuseio, e por fim, elaboração da descrição e instrumentos de pesquisa para facilitar o acesso às informações.

É notório que a cada dia a Arquivologia vem consolidando suas teorias e práticas arquivísticas independente do suporte informacional tratado, surgindo assim várias demandas e desafios na formação do arquivista. De acordo com Soares (2013), são 10 (dez) as competências mais procuradas no mercado de trabalho arquivístico: adaptabilidade, criatividade, iniciativa, facilidade de comunicação e relacionamento

interpessoal, capacidade de resolver problemas e trabalhar em equipe, liderança, empreendedorismo, e domínio das novas tecnologias de informação e comunicação.

Essas citadas demandas criam a necessidade do estabelecimento de diálogos concretos inter e extracurricular, além de trabalhos interdisciplinares com outros campos científicos.

E, para finalizar este subitem, tratamos dos desafios crescentes do profissional de arquivo. Dentre vários pontos pertinentes, Sousa (2009, p. 8) argumenta sobre os desafios desse citado profissional: reforma curricular com disciplinas e atividades complementares que auxiliem nos projetos político-pedagógicos dos cursos, sejam no ensino e/ou na pesquisa em Arquivologia; melhoramento na qualificação dos professores; oferecimento dos cursos em instituições públicas, com a falta de verbas para recursos humanos e de sala de aula e laboratórios equipados para a prática arquivística; e finaliza com a seguinte pergunta: “Como trazer para a formação de nossos alunos os avanços obtidos na Ciência da Informação, como os estudos relativos a usuários, à classificação, à análise documentária, à terminologia, à tecnologia da informação?”.

2.1.2 Linguística

Inserida nas Ciências Humanas, a Linguística estuda a capacidade da linguagem humana cientificamente a partir dos enunciados falados ou escritos (ou gestual, no caso da linguagem de sinais). Segundo Cunha *et. al.* (2009), o termo “linguagem” assume vários sentidos empregados: qualquer processo de comunicação (corporal, dos animais, das artes, da sinalização, a escrita) existente entre membros de uma comunidade. Só que em se tratando de estudos voltados à linguística, os conceitos de “linguagem” e “língua”³ diferem a partir do momento em que se considera a “linguagem” uma habilidade e/ou capacidade dos seres humanos se comunicarem por meio de línguas, por ter, nas palavras da autora, técnica articulatória complexa, base neurobiológica com nervos utilizados na comunicação verbal, base cognitiva e sociocultural referentes à representação do mundo na troca de informações com outras pessoas.

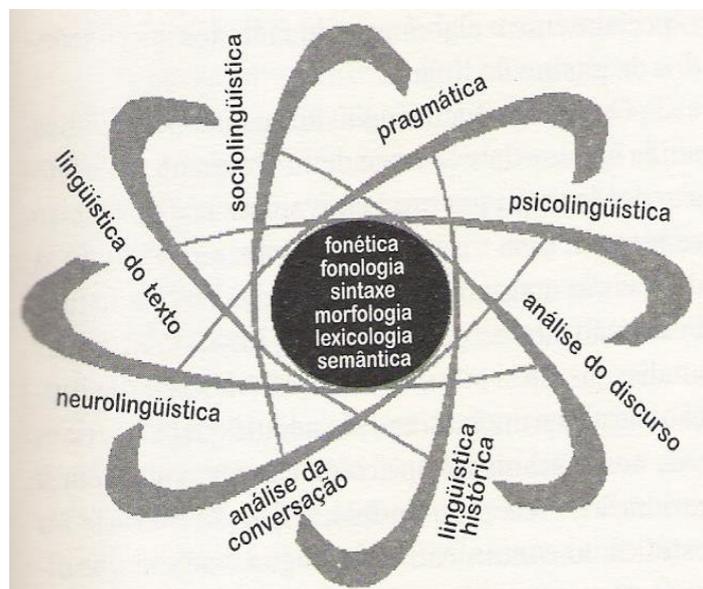
³ Cunha *et. al.* (2009, p. 16) define língua como sendo “sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística”.

Os linguistas desenvolvem seus trabalhos, na maioria das vezes, de forma empírica, com descobertas de métodos rígidos de observação. Eles respeitam qualquer tipo de variação existente em uma língua, acreditam que não há nenhuma língua pior ou melhor do que outra, e, sim, sistemas linguísticos capazes de expressarem a cultura de um povo (CUNHA et. al., 2009).

Com a delimitação de objeto de estudo e metodologias próprias, a Linguística considerada como uma ciência, começou seus estudos a partir do início do Século XIX com pesquisas de cunho histórico-comparativa. Kenedy e Martelotta (2003) argumentam no surgimento da linguística moderna com o aparecimento do *Cours de linguistique générale* de Saussure, em 1916, e caracterização de língua como um sistema de signos⁴ linguísticos utilizados pelo ser humano para transmitir seus pensamentos e sentimentos.

Os estudos sobre a linguagem tem se intensificado a ponto do desenvolvimento de várias abordagens linguísticas com diferentes formas de pensar e compreender o fenômeno linguístico, como podemos ver na figura abaixo:

Figura 3- Abordagens linguísticas



Fonte: Weedwood (1995)

⁴ Segundo Saussure (2006), o signo linguístico é a combinação do conceito e da imagem acústica, isto é, significante e significado das palavras. O signo é arbitrário, não é a sequência de letras que representa a palavra, não obtém nenhum laço natural com a realidade do significado, exe.: casa, árvore, etc.

Assim como a análise do discurso, em linhas gerais, estuda formações discursivas em textos; temos a linguística computacional (auxílio no tratamento da linguagem computacional, softwares); a Semiótica com o estudo dos signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais produtores de significado; Sociolinguística (no que tange a elaboração de vocabulário controlado: corrente variacionista); Psicolinguística experimental (abordagem associada à compreensão e a produção de linguagem); Terminologia (uso e estudo de termos técnicos científicos e designação de conceitos); e Letramento digital (práticas sociais de comunicação na nova era digital) etc.

Cunha *et. al.* (2009) discorre sobre nas relações de aproximação ou semelhança entre a linguística e outras ciências que passam a se interessar pela “linguagem”. Linguística e Semiologia, Linguística e Filologia, Linguística e gramática tradicional.

Diante dessas citadas abordagens linguísticas, encontramos na Semântica uma ponte para diálogo no que este trabalho propõe concernente ao auxílio na formação arquivística, pois muitos estudiosos da Ciência da Informação têm aprofundado os conhecimentos, nas palavras de Koch (2006), nos “novos meios de representação do conhecimento” sobre as questões de hipertexto, suporte linguístico–semiótico e etc.

3 SEMÂNTICA NA ARQUIVOLOGIA: INTERMEDIações NECESSÁRIAS

No primeiro momento, abordamos as 3 (três) vertentes da Semântica, cada qual com sua maneira de trabalhar com o sentido e o significado das palavras, segundo momento do texto discutimos como a Semântica pode contribuir para a Arquivologia.

3.1 SEMÂNTICA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Fazendo parte de umas das várias abordagens linguísticas, a Semântica tem desenvolvido seus estudos voltados ao significado e/ou aos processos de significação. Segundo Bentes e Mussalim (2004), a Semântica foi um tema sempre presente em áreas do conhecimento, como por exemplo, a Lógica, a Retórica, a Filosofia, e, recentemente, na Semiótica, na História, na Antropologia, e nas Ciências Cognitivas, nas palavras das autoras, o objeto de estudo “transborda as próprias fronteiras da Linguística”, levantando discussões sobre a linguagem e mundo, linguagem e conhecimento.

Segundo Pires de Oliveira (2004), não há acordo na conceituação de “significado” nesse campo de saber porque há várias formas de se descrever este citado termo, há várias semânticas cada qual com sua noção particular de significado. São elas, a Semântica formal (denotacional ou referencial), a Semântica enunciativa e a Semântica cognitiva. Descrevemos essas 3 (três) vertentes nas considerações colocadas pela autora citada.

Em linhas gerais, a Semântica formal estuda o significado a partir da postulação das sentenças logicamente. Com relações lógicas, ou formais, representamos por letras vazias de conteúdo e que descrevem sentidos:

Ex1: Todo gato tem 4 patas; Flor é uma gata; logo, Flor tem 4 patas.

Ex2: Todo curso de Arquivologia possui um Projeto Político Pedagógico (PPP); O PPP é um documento obrigatório na criação de um curso universitário; logo, o curso de Arquivologia da UEPB possui o Projeto Político Pedagógico.

Ex3: Todo arquivista elabora a tabela de temporalidade para eliminação de documentos; A tabela de temporalidade é um instrumento importante para o arquivista; Logo, a tabela de temporalidade é utilizada para eliminação de documentos.

De acordo com Pires de Oliveira (2004, p. 20) a Semântica estuda os “aspectos objetivos do significado, isto é, aqueles que estão abertos à inspeção pública. Sua objetividade é garantida pela uniformidade de assentimento entre os membros de uma comunidade”. É através do sentido que nos auxilia na referência do mundo. No exemplo (3), percebemos que o sentido carregado no termo “arquivista” nos dar uma referência da profissão em que estamos falando, e uma das possíveis funções que este profissional possui: elaborar a tabela de temporalidade para eliminação de documentos; e, for fim, é este profissional que utiliza o instrumento para eliminar documentos. São relações lógicas que só nos permite conhecer o objeto quando a este se tem uma referência.

Em outros termos, o sentido permite alcançarmos um objeto no mundo, mas é o objeto no mundo que nos permite formular um juízo de valor, isto é, que nos permite avaliar se o que dizemos é falso ou verdadeiro. *A verdade não está, pois, na linguagem, mas nos fatos do mundo.* (PIRES DE OLIVEIRA, 2004, p. 22, grifo nosso)

Destacamos aqui outros exemplos para explicitarmos quando os fatos do mundo são verdadeiros ou falsos.

Ex4: Os arquivistas trabalham com documentos. (**verdade**)

Ex5: Os historiadores elaboram a tabela de temporalidade. (**falso**)

O exemplo (4) demonstra que a referência dos fatos do mundo é de ordem “verdadeira” quando realmente as pressuposições existenciais de “arquivista” e “documentos” fazem relação de sentido na sentença, e acima de tudo, de uma ordem objetiva e conhecedora do fato para os membros de uma comunidade. Já o exemplo (5), implica ser “falso” a partir do momento em que se conhece o profissional que elabora este instrumento, o “arquivista”.

Passamos agora para as considerações da segunda vertente da Semântica: a enunciativa. Também conhecida como Semântica Argumentativa, a Semântica enunciativa percebe a linguagem como dialógica, transformando-se na argumentação⁵. Não há troca de informações sobre o mundo, muito menos referência como na vertente anterior, e sim, o convencimento do outro a entrar no jogo discursivo. Segue os exemplos:

Ex6: Não, meu carro não está mal estacionado (porque eu não tenho carro).

Ex7: Não, meu carro não está mal estacionado (porque está bem estacionado).

As diferenças do não-polêmico e o não metalinguístico aparecem nesses exemplos acima, no primeiro, no qual se nega a afirmação de possuir o veículo em questão, e, segundo, o locutor retoma a fala do outro para negar a voz do enunciador de que o carro foi mal estacionado.

Alguns exemplos na área de Arquivologia são apresentados abaixo:

Ex8: O arquivo deslizante não está quebrado (porque eu não tenho arquivo deslizante).

Ex9: O arquivo deslizante não está quebrado (porque está funcionando direito).

⁵ Segundo Koch (2011, p. 17), o ato de argumentar é “orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: um discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia- a da sua própria objetividade”.

Desse modo, notamos que a intencionalidade do falante pode ser vista a partir do enunciado, esta fonte importante para a transmissão de informações carregada de significação contida na mensagem passada. Cada enunciação traz consigo sua própria intencionalidade, cujo sentido não depende do contexto em que ela é dita, e sim do encadeamento das cadeias discursivas.

Segundo Koch (2011, p. 22) a intencionalidade é vista como sendo “toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de quem fala tem certas intenções ao comunicar-se”. Nas palavras da autora, compreender um enunciado é aprender que as intenções não são de maneira nenhuma psicológica, e sim, puramente linguística, determinada pelo sentido do enunciado, pelo jogo de representações entre o locutor e o alocutário⁶, com suas intenções persuasivas. .

Segue mais exemplos da área de arquivo:

Ex10: Philippe organizou pouco os documentos que pedi.

Ex11: Philippe organizou um pouco os documentos que pedi.

O enunciado (10) argumenta que Philippe nada fez com os documentos que precisavam ser organizados. Se o exemplo fosse enunciado pelo gestor da empresa acerca da organização dos documentos, o arquivista responsável, para evitar que seu colega de trabalho Philippe fosse chamado a atenção, responderia o (11), denotando assim, que Philippe tivesse organizado os documentos pedidos pelo arquivista. Percebemos com os exemplos (10) e (11) que não é preciso ter o conhecimento de mundo de “Philippe” e nem dos “documentos”, só é preciso o entendimento do encadeamento discursivo em que a enunciação ocorre.

Para Koch (2011, p. 19), a construção do discurso para ser bem-estruturado deve conter os “implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão devem obedecer às condições de progresso e coerência, para, por si só, produzir comunicação: em outras palavras, deve constituir um texto”. O discurso se manifesta

⁶ O locutor é o centro da enunciação que expressa seu ponto de vista e deixa marcas no discurso sobre a imagem do alocutário. Segundo Nunes (2011, p. 17), na enunciação, o “locutor não só se apropria da língua e utiliza-a. Ao fazer isso, o locutor imediatamente instaura o outro diante de si. A enunciação estabelece uma relação do locutor com o alocutário, relação esta em que o locutor utiliza-se da língua por necessidade de referir pelo discurso, e o outro, por necessidade de co-referir. O locutor se enuncia como um eu em relação a tu e ele. Eu e tu são chamados de pessoas, enquanto ele é chamado de não-pessoa. Eu e tu falam de ele”.

linguisticamente através de textos falados ou escritos, formando assim a significação. Koch também argumenta que o texto pode ser qualquer tipo de comunicação através de um sistema de signos que se caracteriza pela coesão e coerência, relações necessárias pela tessitura de um texto. Vejamos alguns exemplos de discursos coesos e coerentes, explícitos e implícitos⁷:

Ex12: Muitas crianças enfrentam longas caminhadas, vão a escola com fome, **por isso** ocorre um grande número de desistências. (**discurso coeso**)

Ex13: Maria está desempregada, levou consigo o currículo para tentar uma vaga para a entrevista de emprego na Instituição “A”. (**discurso coerente**)

Ex14: Elvis parou de caminhar na praia. (**discurso explícito**)

Ex15: Elvis caminhava na praia. (**discurso implícito**)

A coesão é designada como conexões gramaticais entre palavras, orações, frases, parágrafos de um texto. A coesão pode ser identificada através de conjunções, pronomes, advérbios, artigos etc. Já a coerência é basicamente a concatenação lógica das ideias, garantindo então a ausência de contradição num texto.

No exemplo (12), o conector “por isso” faz com que o discurso se torne “coeso” relacionando à desistência dos alunos as longas caminhadas realizadas por estes com fome até chegar à escola. Já no exemplo (13), a coerência é evidente a partir do momento em que inferimos que Maria está desempregada, logo, quem se encontra nessa situação, precisa arranjar um emprego, mas para isso, é preciso elaborar um currículo e realizar uma entrevista para alcançar tal objetivo.

Entre o dito e o não-dito, os enunciados (14) e (15) são realizados a partir da ação “caminhar”. É notório que o exemplo (14) refere-se a alguém que tinha o hábito de caminhar na praia, e, por algum motivo parou de caminhar, sendo assim, o enunciado explícito da ação e de quem a realiza- Elvis. Já o exemplo (15), caracteriza uma situação implícita da ação que alguém parou de caminhar por algum motivo não explícito na enunciação.

E, para finalizar as vertentes da Semântica, temos a Semântica Cognitiva. O significado não tem ligação direta com a linguagem e o mundo, e, muito menos com a

⁷Em suma, o discurso explícito e implícito depende do ato de realizar inferências, isto é, interpretar adequadamente o texto, e, conseqüentemente os enunciados. As inferências podem ser as pressupostas (modo explícito) e as subtendidas (modo implícito).

referência e a construção do significado através da própria linguagem, mas com o que emerge de dentro para fora, motivado, isto é, das significações corpóreas, dos movimentos dos corpos em interação com o meio.

Sendo assim, a autora conceitua a Semântica Cognitiva a partir da hipótese central de que:

[...] o significado é natural e experiencial se sustenta na constatação de que ele se constrói a partir de nossas interações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos. O significado, enquanto corpóreo, não é nem exclusiva, nem prioritariamente linguístico. (PIRES DE OLIVEIRA, 2004, p. 34)

Para explicação dessa vertente cognitiva, a autora faz relação com a criança que aprende esquemas de movimento, imagéticos espaciais, e categorias de nível básico para tornar o significado em expressões linguísticas. São também estudados nessa Semântica, os fenômenos metáfora e a metonímia⁸, na busca das relações sistemáticas entre os vários sentidos de uma palavra, no qual a verdade dos fatos está relacionada às intenções e percepções humanas.

Ex16: Aquele menino é um **leão**. (metáfora)

Ex17: O apartamento é um **forno**. (metáfora)

Ex18: Emprestei **José Lins do Rego** a minha colega. (metonímia-autor pela obra)

Ex19: A filha de Berenice gosta muito de **Maisena**. (metonímia-marca pelo produto)

Ex20: Karla bebeu o **copo** todo. (metonímia-continente pelo conteúdo)

Os exemplos (16) e (17) são identificados por metáfora por estabelecer uma relação de semelhança entre o “menino” e o “leão”; entre o “apartamento” e o “forno”. As expressões linguísticas nos vários sentido que uma palavra pode apresentar são dadas através da intenção de quem profere o exemplo (16), e (17). As palavras “leão” se

⁸ Tanto a “metáfora” quanto a “metonímia” são os empregos do sentido figurado das palavras. Em linhas gerais, a “metonímia” é a substituição lógica de uma palavra por outra semelhante, mantendo assim uma relação de proximidade entre o sentido do termo e o sentido que este substitui. Pode ser autor pela obra, marca pelo produto, continente pelo conteúdo, parte pelo todo, gênero pela espécie, singular pelo plural, matéria pelo objeto, o sinal pela coisa significada, instrumento pela coisa que o utiliza etc. Já a “metáfora” é uma comparação implícita, sem termo comparativo, denotando uma relação de semelhança entre os termos, estes com significados diferentes do habitual.

configuram em uma pessoa “valente, forte, corajoso” e “forno” traz o sentido de “lugar onde faz muito calor”.

Os casos (18), (19) e (20) são notados como metonímia. O exemplo (18) “José Lins do Rego” autor paraibano sendo substituído por “livro”. Já o (19) é a palavra “Maisena” que denota o sentido de substituição da marca Maizena pelo produto “amido de milho”. E, por fim o exemplo (20) que carrega o sentido não de que Karla “engoliu” o copo, e sim, bebeu tudo que havia no copo.

Depois de apresentar as 3 (três) vertentes da Semântica, partimos agora para a próxima seção que aborda os aspectos semânticos e o estudo das significações importantes para a Arquivologia e como podem contribuir para esse campo de saber.

3.2 A SEMÂNTICA E A ARQUIVOLOGIA: ESTABELECENDO ELOS SIGNIFICATIVOS

O estudo dos significados e/ou processos de significação já eram apontados por Hjørland (2007) *apud* Café e Bräscher (2011) de que os aspectos semânticos encontravam-se presentes em todas as questões relacionadas à Ciência da Informação, particularmente, com pesquisas voltadas à área de organização do conhecimento. Além disso, afirmam que a Semântica sofre influências distintas e conflitantes dependendo do olhar do objeto na Ciência da informação, não existindo ainda trabalhos que abordassem os problemas semânticos de forma sistemática, pois os estudos preexistentes sobre esse campo de saber encontram-se fragmentados e carecem de bases teóricas.

Nesse sentido, os estudos de Semântica e organização do conhecimento devem refletir no aprofundamento dos itens ambiguidade e variações no que tange à análise, descrição e indexação de documentos para evitar assim baixos níveis de recuperação da informação. Segundo Café e Bräscher (2011, p. 26), a representação entre termo e conceito “tem seu significado variável intrinsecamente ligado ao contexto de uso [...] [deve-se] descrevê-la nos planos linguístico, pragmático e funcional”.

Uma vez tendo o conhecimento que para a efetivação da comunicação é preciso um código comum entre emissor e o destinatário, o aprofundamento em estudos sobre a variedade linguística (as variações de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada) é também pertinente até por que:

O uso de formas linguísticas na representação da informação precisa ser adaptado ao momento presente, ao público, à natureza do documento escolhido, aos objetivos do produto intelectual em mãos. Todo esforço comunicativo é malogrado diante da ininteligibilidade do receptor sobre o que determinado termo quer realmente significar. (MELO E BRÄSCHER, 2011, p. 96).

Essas questões são colocadas por Melo e Bräscher (2011, p. 97-98) para se pensar o emprego dos descritores na recuperação e indexação da informação em qual termo selecionar dentro de um leque de variedade existente no Brasil, como por exemplo: mandioca, aipim, macaxeira (regional). Sendo assim, os autores veem essas discussões fundamentais no processo de recuperação da informação e estreita relação com a “categorização linguística, na medida em que a estrutura do léxico de uma língua na mente do falante reflete e é condicionada pela sua leitura de mundo”.

Em relação à conceituação do processo de descrição⁹, segundo Bellotto (2006), é designado como uma atividade criteriosa, cuidadosa e precisa na elaboração de instrumentos de pesquisa que possibilite a identificação, o rastreamento, a localização e a utilização de dados. Em outras palavras, recuperar informações acaba se tornando uma atividade desafiadora na análise do documento.

Segundo Cintra *et. al.* (2002), discussões sobre a linguagem documentária se insere no âmbito da Análise Documentária e, propriamente, em atividades metodológicas específica na Documentação, tratando da análise, síntese e representação de informação, como o objetivo de recuperar e disseminar as informações materializadas nos suportes e devem tornar-se possíveis para comunicação usuário-sistema.

Em linhas gerais, Cintra *et. al.* (2002, p. 43) argumenta que as linguagens documentárias incorporam procedimentos de normalização gramatical e semântica sendo conceituadas como:

A normalização gramatical refere-se à forma de apresentação dos seus elementos quanto ao gênero (geralmente masculino), ao número (uso de singular ou plural) e ao grau. A normalização semântica procura

⁹ Há uma norma que propõe padronizar a descrição arquivística a partir de uma estruturação multinível, isto é, do geral ao particular, inserindo cada item da descrição na estrutura geral do fundo de arquivo, em uma relação hierárquica, é a chamada *General International Standard Archival Description*, a ISAD (G). Esta norma é um instrumento importante para as atividades de descrição e classificação arquivística. Para mais informações sobre a ISAD (G) e seus possíveis cuidados na aplicação, ler Lopez (2002).

garantir a univocidade na representação dos conceitos de áreas de especialidade, por meio das relações lógico-semânticas.

Percebemos as relações de estudo na área da Semântica, linguagem documentária e Arquivologia no âmbito da análise, descrição e recuperação da informação, pois é por meio desses citados processos em que ocorre também o tratamento com a linguagem natural, linguagem polissêmica nas escolhas lexicais e veiculação da informação para os usuários através do tratamento dado as linguagens documentárias.

Kobashi e Francelin (2011) afirmam que o tratamento e recuperação da informação preveem duas abordagens: a análise “física” ou “descritiva” do documento e a análise de “conteúdo” ou “temática”. A primeira como sendo dados bibliográficos (autoria, editora, número de páginas, ano de publicação) e etc. Já a segunda abordagem, é identificada a partir da representação do conteúdo do documento por meio de conceitos e termos. Segundo as autoras, a representação física de um documento pode ser comum em diferentes sistemas de recuperação da informação, mas a representação temática pode variar.

Argumentamos que a representação temática dependerá da ótica de quem faz a leitura e análise do documento, deve possuir conhecimentos sobre os aspectos semânticos, variações e escolhas lexicais para que assim o processo de elaboração de instrumentos de pesquisa no tratamento da linguagem documentária “tanto a polissemia, quanto a ambiguidade devem ser neutralizadas, para que seja garantida a monossemia entre a forma do significante e a do significado” (CINTRA *et al.* 2002, p.71).

Nas considerações de Estevam e Sales (2011) são também importantes na formação do arquivista conhecer áreas afins como a Paleografia e a Diplomática, pois auxiliam no estudo, primeiramente, de vários aspectos de textos manuscritos antigos ou não no que tange à origem, à forma, e à evolução da escrita etc.; e segundo, na perspectiva diplomática com o estudo das espécies e tipologias documentais em relação aos aspectos intrínsecos e extrínsecos do documento de arquivo.

Isto significa dizer que, nas palavras de Bellotto (2006) os documentos integraram a junção de *actio* (fato, ato documentado) e *conscriptio* (transferência para um suporte semântica e juridicamente credível), isto é, cada espécie documental analisada terá uma forma diplomática, uma estrutura e uma disposição semântica do texto. Assim, Estevam e Sales (2011) identificam a análise dos documentos por meio a

ação do *actio* e do *conscriptio* como importantes, facilitando assim o trabalho da gestão documental do arquivista, este conhecedor das espécies, tipologias e das disposições que cada texto apresentará em cada setor.

Bellotto (2008) traça as características extrínsecas e intrínsecas do documento de arquivo. As características extrínsecas, também chamados de físicos, externos, de estrutura ou formais estão relacionadas com a estrutura física e com a forma de apresentação das informações configuradas no gênero documental de acordo com os signos que foram utilizados para registro da mensagem, são eles: o espaço; o volume do documento; a quantidade; o suporte onde as informações estão registradas; o formato, a forma, o gênero, a língua o modo da escrita, a espécie e o tipo documental. Já os elementos intrínsecos chamados também de internos e/ou substantivos são relacionados com o conteúdo e ou assunto tratado no documento, assim como a natureza da proveniência, data tópica e função do documento de arquivo.

Nesse sentido, ao iniciar a análise documental, o respeito e tratamento por escolhas lexicais asseguram ligações entre os elementos extrínsecos e intrínsecos do documento. O processo de tratamento da informação nos processos de análise, descrição, indexação de documentos é enriquecedor quando nos debruçamos nos sentidos e implicações em que o texto pode apresentar.

Aldrigue (2009) categoriza os principais estudos dos significados na Semântica:

- Equivalência semântica;
- Inferências;
- Dêixis e anáfora;
- Vagueza x ambiguidade;
- Homonímia x polissemia;
- Sinonímia x antonímia;
- Meronímia e holonímia;
- Hiperonímia e hiponímia;

Começamos então por “equivalência semântica”. Também identificada como “paráfrase”, é outra maneira de dizer a mesma coisa, devido à relação entre os itens lexicais ou à estrutura das sentenças postas. Seguimos com os exemplos abaixo:

Ex21: Ana Beatriz comprou um **vestido**.

Ex22: Um **vestido** foi comprado por Ana Beatriz.

Ex23: O **diagnóstico de arquivo** é um instrumento importante para detectar problemas nas instituições.

Ex24: Para detectar problemas nas instituições um instrumento importante é o **diagnóstico de arquivo**.

Com esses exemplos notamos que as sentenças postas se referem ao mesmo ser “vestido” e “diagnóstico de arquivo”. Parafrasear constitui assim em orações sinônimas, reafirmando os sentidos em novo texto. Desse modo, conhecer esta categoria é de suma importância para o arquivista na elaboração de instrumentos descritivos, utilizando-se da equivalência semântica no registro fiel e fidedigno das informações seja qual for o suporte informacional.

A “inferência”, outra categoria de análise semântica, busca a leitura das informações que se apresentam de forma implícita e explícita no texto. Segue alguns exemplos:

Ex25: O **marido** de Andreia está desempregado.

Ex26: Andreia é casada.

Ex27: O arquivo é **memória coletiva**.

Ex28: O arquivo armazena, recupera e disponibiliza a(s) história(s) de um povo.

O exemplo (25) fala indiretamente que “Andreia é casada” deixando os vestígios através da palavra “marido” na sentença (25). Já o exemplo (27) apresenta informações sobre “arquivo”, de modo que “memória coletiva” é um dos traços de “arquivo” no sentido de entidades públicas ou privadas, pessoa ou familiar.

Para o arquivista a leitura é um exercício diário. Saber analisar é outra habilidade que merece destaque na identificação das informações implícitas e explícitas no documento de arquivo. Inferir é decifrar por meio das deduções realizadas na leitura de documento.

As categorias “dêixis e anáfora” demonstram que “dêixis” são elementos linguísticos dotadas de sentido. São interpretações de elementos extralinguísticos no contexto onde ocorre a enunciação quando há explicitação. Os enunciados que indicam lugar (aqui) ou o tempo (agora). São identificados pelo uso de pronomes, artigos, alguns advérbios, e o tempo dos verbos. Já a anáfora é o que constitui a coesão de um texto.

Tem a função de “lembrar” ou “retomar” algo que foi dito anteriormente. Vamos aos exemplos:

Ex29: Quero que **você** venha **hoje** aqui em casa. (**dêixis**)

Ex30: **Aqui** é o melhor lugar de **você** estudar. (**dêixis**)

Ex31: Essa história de que o Brasil não pode mudar a realidade dos menos favorecidos **nesse país** me entristece a cada dia. (**anáfora**)

Ex32: Nasci na Paraíba e **aqui** tenho vivido sempre. (**dêixis e anáfora**)

Embora não saibamos no exemplo (29) quem e para quem fala no enunciado, a palavra “hoje”, perde o sentido também se não relacionado ao contexto de enunciação da oração. No exemplo (30) também perde o sentido semântico quando não se conhece o “aqui”. Em relação ao exemplo (31), é considerada anáfora pela retomada de “Brasil” pela expressão “nesse país”. E, por fim, o exemplo (32) deixa claro que as enunciações podem abordar tanto a anáfora quanto a catáfora, nesse caso, a palavra “aqui”, remetendo-se ao local de origem de quem profere a enunciação.

Cabe ao arquivista interpretar os elementos extralinguísticos de forma minuciosa para que se evite a falta da coesão textual tanto no ato de descrever, analisar e indexar documentos, pois a coesão textual é um dos aspectos mais importantes a serem considerados na concatenação de ideias em um texto.

A “vagueza” e a “ambiguidade” são os próximos subitens a serem explicitados como indeterminação semântica e para que haja compreensão dos fatos é preciso a análise do contexto da enunciação. Começamos então pela “vagueza”. É assim identificada na utilização de palavras com sentido muito abrangente, compartilha de um mesmo sentido sem variações, e para compreendê-la acrescentam-se informações para especificar o que foi enunciado.

Ex33: Paulo é um **ótimo** profissional.

Ex34: Sabrina é **talentosa**.

Ex35: Sérgio faz um **bom** trabalho no arquivo.

Ex36: Camila tem sido muito **impaciente**.

Analisando os exemplos acima notamos que o uso dos adjetivos “ótimo”, “talentosa”, “bom”, e “impaciente”, pede um objeto para dar jus à característica levantada pelo adjetivo ao sujeito da oração. No exemplo (33) é “ótimo” em que

sentido? Em (34) Sabrina é “talentosa” em que aspectos? Já o exemplo (35) Sérgio é “bom” em que funções no arquivo? E o exemplo (36) implicitamente pede uma pergunta: Ela é “impaciente” com quem e com o quê? São enunciados que se tornam vagos quando não identificado à referência muito menos o contexto de uso.

A ambiguidade é caracterizada como sendo palavras com falta de clareza ou até mesmo imprecisão, incerteza em uma expressão. Segundo Cintra *et. al.* (2002, p. 70) também pode ser entendida como a “possibilidade de uma comunicação linguística prestar-se a mais de uma interpretação e ocorre em função, tanto da plurissignificação como da polissemia” (p. 70) Sugere significados diversos para uma mesma mensagem proferida. São alguns exemplos de ambiguidade:

Ex37: Como Camila é **pequena!**

Ex38: Deram pauladas no **cachorro** do meu tio.

Ex39: Vi o **incêndio** do arquivo.

Ex40: Carlos disse ao arquivista que era **baiano**.

No exemplo (37) causa duplo sentido através da palavra “pequena” podendo significar “pequena” em relação ao tamanho da menina e até mesmo um sentido pejorativo de que Camila é “mesquinha”, “miserável”, ou que seja uma “criança”. O exemplo (38) afirma a ideia de que “cachorro” seja sinônimo de “animal” ou esteja estabelecendo relações com o próprio “tio”, o parente é “mau caráter”. Já o exemplo (39) requer a pergunta de onde é visto o “incêndio”: de dentro do arquivo ou foi visto de outro local? E, por último, o exemplo (40) não deixa claro quem é “baiano”: Carlos ou o arquivista?

Desse modo, prestar atenção nesses aspectos é de suma importância para que se evite a descrição de documentos com informações com duplicidade de sentidos, sem clareza, palavras ambíguas. Nas palavras de Cintra *et. al.* (2002, p. 71), “numa linguagem documentária, tanto a polissemia, quanto a ambiguidade devem ser neutralizadas, para que seja garantida a monossemia entre a forma do significante e a do significado”.

Agora apresentamos “homonímia e a polissemia”. Primeiro, conceituamos “homonímia” como sendo a ocorrência de duas ou mais palavras iguais ou semelhantes, possuindo significação diferente a partir da análise dos sentidos no contexto da oração. Podem ser homônimos perfeitos (palavras iguais, sentidos diferentes), homônimos

homófonos (a pronúncia das palavras coincidem, mas a grafia não), homônimos homógrafos (mesma grafia das palavras, mas a pronúncia é diferente). São os exemplos de homonímia:

Ex41: O **arquivo** está bem organizado. (**homônimo perfeito**)

Ex42: O arquivista deve ter **discrição**. (**homônimo homófono**)

Ex43: O **acordo** foi estabelecido entre as partes. (**homônimo homógrafo**)

Caio sempre **acorda** tarde.

O exemplo (41) é um homônimo perfeito porque a palavra “arquivo”, segundo o Dicionário brasileiro de terminologia arquivística (2004) designa para este “termo” diferentes contextos de “arquivo”: arquivo como instituição, arquivo como conjunto de documentos, arquivo como instalação física, e arquivo como móvel de guarda de documentos. Dependendo de quem fala e em qual contexto, identificamos dentre várias interpretações os diferentes tipos de arquivo.

Já o exemplo (42) é um homônimo homófono a partir do momento em que distinguimos “descrição” de “discrição”. São palavras de pronúncias semelhantes, mas de grafia e sentidos diferentes. A palavra “discrição” é posta como possuir qualidades de quem não comete excessos, de quem tem cuidado ao falar e ao agir, possuir discrição no sigilo profissional. E, para finalizar essa etapa de homônimos, o exemplo (43) demonstra mesma grafia para o verbo “acordar” com sons e sentidos diferentes, “acordo” como “concordância de um ato e/ou ação”, “acorda” como forma indicativa do verbo “acordar”.

Em relação à “polissemia” é configurada como a pluralidade de significações que uma palavra pode apresentar nas orações em diferentes contextos. Segue os exemplos sobre a polissemia:

Ex44: A **manga** está madura.

A **manga** está desbotada.

Ex45: Esse **pé** está morrendo.

Esse **pé** está quebrado.

Meu **pé** está inflamado.

Como podemos ver as palavras “manga” e “pé” podem ser interpretadas de várias maneiras. No exemplo (44) a primeira sentença aborda “manga” como “fruta” e na segunda como “manga” da “blusa”, já no exemplo (45) “pé” significa na primeira como “planta”, na segunda como “base para sofá, cadeira” e na terceira sentença “pé” está como “parte do corpo humano que se articula com a extremidade inferior da perna”.

Na área de Arquivologia alguns termos que sofrem influências da polissemia como, por exemplo: o próprio termo “arquivo”, explicitado no exemplo (41); “arranjo”, “fundo”, “classificação”, “usuário”, “consulta” e dentre outros. Sendo assim, cabe ao profissional formado nessa área, antes de qualquer coisa, conhecer os termos técnicos científicos do citado campo de saber, pois, quando não há o domínio da linguagem de especialidade da área, há uma dificuldade no estabelecimento de redes relacionais e definições dos termos desejáveis na Linguagem Documentária.

Em consideração a “sinonímia” e “antonímia” com o trabalho de relações lexicais, a primeira indica a utilização de palavras diferentes, mas que possuem a mesma significação, também chamada de sinonímia lexical ou estrutural. Já a antonímia significa relações estabelecidas entre as palavras ou expressões que apresentam significados diferentes, contrários. Os exemplos apresentados abaixo demonstram na prática essas citadas relações de sinonímias:

Ex46: Detesto/odeio filmes com trailers bastante **cômicos/engraçados**.

Ex47: É **desnecessário/dispensável** sua vinda aqui, pois Eliane está **enferma/doente** em consequência da **reminiscência/lembança** dos males que você a causou.

Ex48: Precisamos **resgatar/recuperar** as informações de Alberto no arquivo.

Ex49: O arquivista deve agir de forma **imparcial/neutra**.

Os exemplos de relações antônimas são apresentados a seguir:

Ex50: Não devemos **economizar/gastar** muitas caixas-arquivo.

Ex51: O dossiê de Fernando está **bem/mal** acondicionado.

Ex52: O guia-fora elaborado por Wanessa ficou muito **ruim/bom**.

Ex53: Ocorreu tudo com planejávamos no **início/final** da reunião de gestores.

Nos aspectos “meronímia” e “holonímia”, em linhas gerais, envolvem relações de inclusão semântica entre unidades lexicais. A holonímia corresponde ao todo e a meronímia denota a parte, esta acaba criando relações de dependência ao se referir ao todo. Para um bom entendimento, observemos abaixo alguns exemplos:

Ex54: automóvel (holonímia) e roda (meronímia)

Ex55: computador (holonímia) e teclado (meronímia)

Ex56: dossiê (holonímia) e documentos pessoais (meronímia)

Ex57: gêneros eletrônicos (holonímia) e documento digital (meronímia)

E, para finalizar as categorias de estudo de significados semânticos colocados por Aldrigue (2009) a “hiperonímia” e a “hiponímia”. Abordando relações de hierarquia, a “hiperonímia” é configurada como sendo a representação daquelas palavras que dão ideia de um todo pertencente ao mesmo grupo ou nível de hierarquia. Já a “hiponímia” são as palavras associadas ao sentido geral do grupo ou nível de palavras em questão.

Ex58: esporte (**hiperonímia**); basquete, vôlei, natação, hipismo (**hiponímia**)

Ex59: gênero documental (**hiperonímia**); documentos audiovisuais, documentos eletrônicos, documentos cartográficos, documentos textuais etc. (**hiponímia**)

Ex60: papelaria (**hiperonímia**); papel, caneta, caderno (**hiponímia**)
drogaria (**hiperonímia**); remédios, fraldas (**hiponímia**)

Na próxima subseção, tecemos considerações sobre os possíveis problemas de semântica que os arquivistas podem se deparar nos processos de descrição e representação da informação.

3.3 PROBLEMAS DE SEMÂNTICA: A DESCRIÇÃO E A REPRESENTAÇÃO ARQUIVÍSTICA

Nesse subcapítulo, tecemos considerações sobre os possíveis problemas de semântica na elaboração da descrição e representação da informação. Além dos aspectos apresentados no último subcapítulo, citamos alguns outros pontos pertinentes que envolvem questões de Semântica.

O primeiro ponto importante é o uso da voz ativa nas orações. Uma representação inicial de um evento chave pode usar um processo material transitivo, isto é, uma oração contendo um processo verbal realizado por um participante em relação a outro. A voz ativa torna o agente da ação verbal, ou seja, é ele quem a pratica, como sujeito seguido por uma entidade afetada como objeto. Observemos o exemplo:

Ex60: Polícia mata africanos. (voz ativa)

Polícia mata africanos revoltosos. (voz ativa + adjetivação)

Africanos (são) mortos (pela polícia). (passivação simples)

Ao ler um documento e realizar a análise, descrição e indexação das informações, o arquivista deve ter a competência de observar o processo formal e semântico com o qual o autor escreve o texto, levando assim a ter uma precisão e uma fidelidade ao texto lido. Na primeira oração do exemplo (60) a utilização da voz ativa não suaviza a ideia de que o policial havia matado africanos, e, sim, afirma ter sido o policial o autor do crime em questão. Ainda no mesmo exemplo, a segunda oração denota em uma oração transitiva em que um atributo ou condição do afetado é também mencionado, nesse caso, “revoltosos”. E a terceira oração do exemplo (60) é apresentada pelo processo de passivação, no qual o participante afetado sofre a ação expressa pelo fato verbal, é trazido à posição de sujeito na sequência e o agente semântico pode ser anulado.

Outro ponto instigante é o agente da passiva com uma oração transitiva complexa que em uma análise mais detalhada poderá modificada para uma oração intransitiva. Observamos o exemplo (61) abaixo. O participante afetado, antes na posição de objeto, é agora o único participante ocupado posição de sujeito e a descrição anterior de relação causal.

Ex61: Africanos morrem (nas revoltas de Salisburgo).

Já a nominalização o sentido de “morte” pode ser atenuado numa transformação que reformula o processo como um todo numa frase nominal. Esta reformulação distrai a atenção do leitor em termos de refletir se estas mortes tiveram autores ou não e quais foram os matadores.

Ex62: As mortes de 13 africanos.

O jogo argumentativo das orações nos mostra o quão árduo é a identificação e análise dos aspectos semânticos até por que:

A distinção entre dizer e mostrar permite penetrar as relações entre linguagem, homem e mundo: é sob esse aspecto que se torna possível falar de ideologia na linguagem. A enunciação faz-se presente no enunciado através de uma série de marcas. É por meio delas- marcas linguísticas que são- que se poderá chegar a macro sintaxe do discurso. (KOCH, 2011, p. 23).

Na análise documentária, a relação da sintaxe com a semântica na construção da frase (62) é evidenciada por uma maneira ideológica de amenizar, enfatizar ou não a ação do sujeito. Significa que a responsabilidade do arquivista é grande ao fazer a descrição do documento, nesse sentido, a Semântica pode ajudá-lo a ter maior confiança e precisão no que irá representar.

Além disso, compreendemos na análise dos documentos a observação do contexto de produção, a época que foi escrito o documento, o vocabulário empregado e o sentido a ele postulado. A Semântica diacrônica trata da descrição de uma língua e mudança das palavras ao longo de sua história. Dependendo da nação e língua descrita podem os sentidos serem modificados em determinado período.

Ex63: Coloquei minha **cueca** para lavar. (Brasil-peça de homem)

Coloquei minha **cueca** para lavar. (Portugal-peça feminina- calcinha)

Ex64: Henrique foi atropelado na **faixa de pedestres**. (Brasil)

Henrique foi atropelado em **passadeira**. (Portugal)

Ex65: Pegamos um **ônibus** para ir a Universidade. (Brasil)

Pegamos um **autocarro** para ir a Universidade. (Portugal)

É pertinente o estudo da mudança diacrônica, assim como a Paleografia com o objetivo de decifrar e conhecer as formas de escrita antiga ou não no momento da análise documentária na leitura, transcrição e interpretação de documentos. Percebemos que a mudança não é apenas ortográfica, mas também os sentidos nos enunciados pelo uso, tempo da língua, época que foi utilizada essas palavras etc.

E, quando tratamos de documentos iconográficos? A descrição literal das imagens poderia apontar uma ideia equivocada do sentido que ela representa. Um relato de experiência foi realizado por Lopez e Borges (2009, p. 174) com a descrição de fotografias referentes ao decanato de ensino de graduação presente no acervo do Centro de Documentação de Universidade de Brasília tomando como base seu conteúdo no qual foi apontado que “[a] interpretação de tais imagens [...] é eivada de especulações e dúvidas. Um conhecimento anterior a respeito da produção das imagens – e do contexto administrativo dos eventos envolvidos, nos daria, sem dúvida, maiores subsídios para a compreensão do significado de cada documento”.

Vejamos a fotografia abaixo e suas possíveis leituras da imagem:

Figura 4: Uso de burca em manifestações nos EUA



Fonte: Internet

Se não soubéssemos o contexto em que a foto foi tirada, no primeiro momento descreveríamos e indexaríamos assim:

- **Descrição:** Pessoas usam burca com bandeira dos Estados Unidos da América (EUA).
- **Indexação:** bandeira americana, burca, Estados Unidos da América.

Já conhecendo o contexto situacional de representação da informação na foto, o contexto de produção era de uma manifestação ocorrida nos EUA em 12 de setembro de 2010 nas quais mulheres vestiam burcas de bandeira americana com finalidade de protestar contra o islamismo.

Por fim, argumentamos que a descrição real da imagem nada representa a realidade situacional em que a foto foi retirada, e se baseando nisso, é evidente que precisamos avançar nos processos de descrição e indexação de representação da informação, perceber que há uma interpretação diferenciada ao analisar elementos extralinguísticos, assim como aspectos intrínsecos e extrínsecos do documento.

Nesse momento, apresentamos a análise de leitura de duas cartas publicadas no material de Ilari (2001, p. 38) que tinha como seção “São Paulo Reclama” do jornal *O Estado de S. Paulo*, edições de março de 2000.

<p><i>Sabesp responde</i> A respeito de reclamação do Sr. Roberto de Barros Brisolla (carta nº 11.374, <i>Nossa incrível Sabesp</i> de 7/2), sobre pedido de desobstrução da rede de esgotos localizada na Rua Dr. Jesuíno Maciel, 1677, <i>esclarecemos que</i> estivemos no local no dia 8/2 e fizemos a limpeza da rede coletora. O encarregado dos serviços conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida. <i>Esclarecemos que</i> a má utilização da rede de esgotos é a principal causa de obstruções e danos à tubulação. Por isso, não devem ser jogados no vaso sanitário e na pia da cozinha absorventes higiênicos, fraldas, pontas de cigarro, pó de café, restos de comida, cascas de fruta, óleo ou outros detritos. <i>É importante esclarecer que</i> os ralos do lado de fora da casa não podem ser ligados à rede de esgoto. Se isso acontecer, corre-se o risco de que o esgoto volte, pelos ralos e pias, para dentro das casas. Pedro Luís Ibrahin Hallack, Superintendente da Unidade de Negócios do Sul.</p>	<p><i>O leitor comenta</i> Continuo aguardando a visita de um engenheiro hidráulico da Sabesp para solução definitiva. Cnicamente, a Sabesp diz que o “encarregado conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida”. Não é verdade, o encarregado disse (o que eu já sabia) que sempre que chover forte terei esse problema, pois a rede não comporta o esgoto da rua e não tem caída (e a culpa é minha?). Aliás, com as recentes chuvas, o esgoto <i>jorrou da minha caixa de inspeção feito chafariz</i>. Que a Sabesp saiba que os ralos de fora da minha casa não estão ligados à rede de esgoto, mas à rede de águas pluviais. A Sabesp ignorou minhas perguntas e, ao que parece, mandou resposta-padrão, alterando apenas nome, endereço e data. Roberto Barros Brisolla – Campo Belo.</p>
--	---

O uso da adjetivação é visto na primeira carta como sendo uma forma de passar uma imagem diferente para o público na qual foi proferida pelo leitor na segunda carta. A expressão “Nossa incrível Sabesp” tenta amenizar a situação do reclamante afirmando que mesmo tendo existido este problema, a empresa nunca deixou de prestar serviços de qualidade e ampará-lo em nenhum momento. A utilização do verbo “esclarecer” mostra que a própria retomada do problema não esclarece os fatos para o leitor, causando assim mais indignação pela má qualidade no serviço prestado na casa dele.

A expressão “jorrou feito chafariz” é identificada como uma metáfora, que em outras palavras, diz que o esgoto tem derramado muito. A palavra “rede” é polissêmica, abrindo margens para várias leituras, só que no contexto das cartas, significa a rede de tubulação de esgoto.

Os termos para indexação das cartas seriam estes: SABESP, esgoto, reclamação, obstrução da tubulação. A descrição é baseada em cartas que abordam questões sobre a reclamação de obstrução de esgoto em ruas no Campo Belo, uma proferida ao Superintendente do órgão responsável Sabesp e a outra, um cliente indignado com o serviço prestado na tubulação de sua respectiva casa.

Apresentamos outra análise de leitura e interpretação de informações do jornal *O Estado de S. Paulo*, edição de dezembro de 2014.

FOLHA DE S.PAULO

Nada mais que a verdade

10/12/2014 02h00

Helio Schwartsman

SÃO PAULO - A Comissão Nacional da Verdade (CNV) entrega hoje seu relatório final aos presidentes dos três Poderes e à sociedade. O texto não deve trazer nenhuma revelação estonteante nem provocar grandes mudanças na interpretação historiográfica daqueles anos. Eu diria que a comissão fez o possível dados os limites da lei que a instituiu e da falta de colaboração dos órgãos que participaram da repressão.

O que chama a atenção não é tanto o alcance limitado do relatório (comissões governamentais raramente revolucionam alguma coisa), mas as reações extremadas ao trabalho da CNV, no melhor estilo flá-flu que se assenhorou da política brasileira.

Do lado das vítimas há uma insistência, a meu ver um pouco despropositada, em tentar levar para a cadeia os perpetradores que ainda estão vivos. Eu receio que o Brasil já tenha perdido –e mais de uma vez– a oportunidade histórica de punir os crimes da ditadura. Tentar fazê-lo 40 anos após os fatos já não faz muito sentido, uma vez que os condenados seriam pessoas muito diferentes daquelas que cometeram os delitos. O eu autobiográfico, que é o que nos faz ver uma continuidade entre a criança e o velho, é bem mais ilusório do que gostamos de supor.

Do lado dos perpetradores a desmedida é pior. Eles insistem em que a CNV foi parcial ao analisar apenas os crimes cometidos pela repressão, deixando de lado os delitos dos guerrilheiros. Estamos carecas de saber que organizações de esquerda que pegaram em armas mataram inocentes. Mais ainda, a maioria desses grupos não pretendia restaurar a democracia, mas sim instalar algum tipo de ditadura do proletariado por aqui.

Ainda assim, os representantes do Estado tinham o dever legal e moral de não torturar nem assassinar os militantes. Não houvesse agentes públicos metidos com esses crimes a comissão nem existiria. Cobrar que o outro lado seja investigado é manobra diversionista das mais toscas.

Um assunto tão recorrente nos dias atuais é o estabelecimento da Comissão da Verdade para investigação de crimes cometidos pelo Estado durante o século XX. Como descrição dessas informações proferida no Jornal Estado de S. Paulo, identificamos um artigo de opinião trazendo informações sobre a entrega de relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV) pelos presidentes dos três Poderes e a sociedade no dia de hoje. Como indexação podemos apresentar os descritores: Comissão Nacional da Verdade (CNV), repressão, ditadura militar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro momento, este trabalho apresentou a Ciência da Informação (C.I.) como ciência interdisciplinar por natureza, mas vimos que para chegar nesse patamar foram realizadas discussões sobre problemas encontrados em vários campos científicos que tratavam da “informação”. Os estudiosos advindos da Engenharia, Biblioteconomia, Química, Linguística, Filosofia, Psicologia, Matemática, Ciência da Computação, Administração e dentre outras profissões e áreas se diziam “cientistas da informação” e tentavam estabelecer diálogos convincentes entre os campos científicos a partir do final da década de 1950. Nesse cenário surgiram às interlocuções da C.I., e, conseqüentemente, as áreas de interesse de trabalhos interdisciplinares.

Dentre várias áreas de interesse postuladas por Wersig e Neveling (1975), identificamos a Linguística e a Arquivologia, esta inserida nas “ciências da informação”. Descrevemos o marco histórico da Arquivologia com a publicação do manual dos holandeses e a Revolução Francesa, com a valorização da informação registrada, perspectivas custodial (arquivo); e o advento das tecnologias de comunicação e informação a partir da Segunda Guerra Mundial, perspectiva pós-custodial, (informação arquivística ou informação registrada orgânica). Já a Linguística, inicia seus estudos sobre língua (gem) através de diferentes formas de pensar e compreender o fenômeno linguístico. Começou seus estudos a partir do início do Século XIX com pesquisas de cunho histórico-comparativa, logo depois, Saussure introduziu a linguística moderna com a caracterização de língua como um sistema de signos.

Sob essa ótica, os estudos sobre a linguagem tem se intensificado a ponto do desenvolvimento de várias abordagens linguísticas, seja em relações de aproximação ou semelhança entre a linguística e outras ciências, como, por exemplo: Linguística e Semiologia, Linguística e Filologia, Linguística e gramática tradicional.

Dentre várias abordagens linguísticas apresentadas nesse trabalho, escolhemos a Semântica para o estabelecimento de diálogos no auxílio à formação arquivística o que tange aos processos que envolvem a análise, síntese e representação documentária com o objetivo de recuperar, disseminar, e tornar as informações possíveis para a comunicação usuário-sistema.

Assim, a Semântica tem desenvolvido seus estudos voltados ao significado e/ou aos processos de significação. Discorremos sobre as 3 (três) vertentes da semântica cada

qual com sua noção particular de significado. São elas, a Semântica formal (denotacional ou referencial), a Semântica enunciativa e a Semântica cognitiva.

Com isso, utilizamos os conhecimentos da Semântica para o tratamento e recuperação da informação para a análise de “conteúdo” ou “temática” do documento. Argumentamos que a representação temática dependerá da ótica de quem faz a leitura e análise do documento, deve possuir conhecimentos sobre os aspectos semânticos, variações e escolhas lexicais no processo de elaboração de instrumentos de pesquisa no tratamento da linguagem documentária, evitando ambiguidade e polissemia nesse processo.

Sob esse prisma, áreas afins como a Paleografia e Diplomática também podem contribuir na análise de vários aspectos de textos manuscritos antigos ou não no que tange à origem, à forma, e à evolução da escrita etc.; e segundo, os aspectos diplomáticos no estudo das espécies e tipologias documentais em relação aos aspectos intrínsecos e extrínsecos do documento de arquivo.

Foram caracterizados os principais estudos dos significados na Semântica, a citar: equivalência semântica, inferências, dêixis e anáfora, vagueza x ambiguidade, homonímia x polissemia, sinonímia x antonímia, meronímia e holonímia, hiperonímia e hiponímia, assim como apresentamos os problemas de Semântica que podem surgir a partir da leitura, da análise, da descrição, e indexação de documentos: voz ativa, voz ativa+ adjetivação, passivação, semântica diacrônica e descrição literal de documentos iconográficos.

O auxílio dos citados aspectos e de seus processos de significação apresentam nexos semânticos capazes de construir elos significativos para a formação arquivística, uma vez que o profissional arquivista obtém o conhecimento sobre os vários sentidos que um texto pode representar, da pluralidade de sentidos postos nas palavras e nos enunciados, da ambiguidade e polissemia que acarretam em dubiedade do registro de informações e dentre outras. O estudo sobre a linguagem deve ser assunto recorrente para esse profissional no trabalho diário da leitura, análise, descrição e indexação de informações; seja capaz de compreender aspectos explícitos e implícitos e, principalmente, os aspectos do mundo extralinguístico.

Portanto, este trabalho pode contribuir para o aprofundamento de estudos sobre linguagem natural, especializada, e, principalmente documentária, a partir do momento da execução de atividades de descrição e indexação de documentos, auxiliar professores

em suas respectivas aulas sejam elas de classe e/ou de campo, enfim, buscar o equilíbrio entre a teoria e a prática na formação arquivística.

É interessante a criação de laboratórios de representação da informação e indexação na UEPB que tanto auxiliem na dimensão prática da área de arquivo quanto na análise dos documentos abordando os aspectos semânticos trabalhados ao longo dessa pesquisa, assim como os problemas semânticos causados na representação da informação.

REFERÊNCIAS

- ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa; FARIA, Evangelina Maria de Brito (orgs.)
Linguagens: usos e reflexões. v. 5- João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.
- ALMEIDA, Carlos C. de; BASTOS, Flávia Maria; BITTENCOURT, Fernando. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da ciência da informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v. 6, n. 1, p. 68-89, 2007.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**- 4. ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. **Diplomática e tipologia documental em arquivos**- 2 ed.- Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4 ed. v.2,- São Paulo: Cortez: 2004.
- BRASIL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro, 2004.
- CAFÉ, Lígia; BRÄSCHER, Marisa. Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. **Inf. Inf** . Londrina, v. 16, n. esp, p. 25-51, jan./jun. 2011. Disponível em:
<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011571&dd1=39ef7>>. Acesso em: 20 nov. 2014.
- CINTRA, Ana Maria *et. al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2 ed. rev. e ampl.- São Paulo: Polis, 2002.
- CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) Manual de linguística. 1 ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto: 2009.
- ESTEVAM, Ketlen Oliveira; Sales, Esmeralda Porfírio de. Análise tipológica: descrição de alguns documentos do período colonial do acervo arquivo histórico da paraíba. **III SBA – Simpósio Baiano de Arquivologia**, Salvador, 2011. Disponível em:
<<http://www.arquivistasbahia.org/3sba/wp-content/uploads/2011/09/Estevam-Sales.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2014.
- FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.
- FREIRE, Isa Maria; ARAÚJO, Vânia M. R. Hermes de. Tecendo a rede de Wersig com os indícios de Ginzburg. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação - v.2 n.4, ago. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago01/Art_03.htm>. Acesso em: 25 maio 2013.

HJORLAND, Birger. Documents, memory institutions and information science. **Journal of Documentation**. v. 56, n. 1, p. 27- 41, jan. 2000.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**- São Paulo: Contexto, 2001. Disponível em:
<http://www.lettraviva.net/arquivos/2012/Introducao_Semantica%20_Brincando.pdf>.
Acesso em: 28 nov. 2014.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v., p. 17-28. Disponível em:
<http://www.professores.uff.br/eduardo/artigos_arquivos/funcional_2003.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

KOBASHI, Nair Yumiko; FRANCELIN, Marivalde Moacir. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 1 – 24, jan./ jun. 2011.

KOCH, Ingedore G. Villança. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Argumentação e linguagem**- 13ed. - São Paulo, Cortez, 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. **D.E.L.T.A.** v. 16, n. 2, 2000.

LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa** - São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

_____. BORGES, Leandro de Melo. Uma visão arquivística sobre os documentos fotográficos referentes ao decanato de ensino de graduação presentes no acervo do Centro de Documentação da Universidade de Brasília. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.160-176, set./dez., 2009. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1119/1345>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

MELO, Fabio J. Dantas; BRÄSCHER, Marisa. **Fundamentos da linguística para a formação da profissional de informação**. Brasília: Centro Editorial, 2011.

NUNES, Érica Krachefski. **Uma abordagem semântico-argumentativa do locutor e do alocutário no discurso**. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-- Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, RS, 2011. Disponível em:
<<http://repositorio.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/4187/1/000431059-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Semântica. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4 ed. v.2,- São Paulo: Cortez: 2004.

RIBEIRO, Fernanda. Da arquivística técnica a arquivística científica: a mudança de paradigma. **Revista de Faculdade de Letras**. Ciências e técnicas do patrimônio. Porto: v. 1, n. 1, 2002.

_____. **Os arquivos na era pós-custodial**: reflexões sobre a mudança que urge operar. Repositório Aberto da Universidade do Porto. FLUP - Artigo em Revista Científica Nacional. 2005. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14000/2/Arquivosnaerapscustodial000073169.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 1, n. 1, 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Editora Cultrix, 2006.

SCHWARTSMAN, Helio. Nada mais que a verdade. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. 10 dez. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2014/12/1560112-nada-mais-que-a-verdade.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. Enc. Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 1-29, jan./abr., 2012.

SOARES, João Paulo do Nascimento. **Das necessidades às competências**: demandas do mercado de trabalho no contexto do “saber-fazer” arquivístico. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia, 2013.

SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de. Os desafios da formação do arquivista no Brasil. **Arq. & Adm.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.aag.org.br/anaisxvcba/conteudo/resumos/plenaria2/renatotarciso.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2014.

WEEDWOOD, B. **História concisa da lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 1995.

WERSIG, Gernot & NEVELING, Ulrich. The phenomena of interesting to information science. **Information Scientist**, v. 9, n.4, p. 127-140, dec. 1975.